

FORMAÇÃO DE PROFESSORES.
A LINGUÍSTICA NO ENSINO

Juiz Filipe Barbeiro

Antes de iniciar propriamente a comunicação, só queria dizer que podem estar descansados os membros da comissão instaladora da ESE que eu não sou um usurpador de poder, nem sou da Comissão Instaladora.

Por outro lado, costuma-se dizer que à terceira vez, desta vez, é que as Escolas Superiores de Educação têm de assumir que estão a formar professores.

Ora bem, a criação da Escola Superior de Educação tem, quanto a mim, de dar uma grande força ao conhecimento de uma necessidade que tem vindo a sentir-se nas últimas décadas e que é a necessidade da investigação no ensino e logo desde os primeiros anos de aprendizagem, aspecto que tem andado esquecido e nomeadamente nas Universidades, que é a investigação do ensino.

As Escolas Superiores de Educação em relação aos Ministérios têm esta grande vantagem; existe a necessidade, existe obrigação e existe a hora para se fazer investigação. E este é um aspecto de facto que, aderindo, representa desde logo uma grande mudança.

Depois, a especificidade destas escolas, formação de professores, em determinados níveis de ensino, levaria também a uma perspectiva própria sobre as matérias a leccionar nos cursos de educadores de infância, professores do ensino primário e professores do ensino básico, ou seja, aos professores a formar pela ESE coloca-se desde logo com maior aquidade a necessidade de saber como estão as crianças quando iniciam a sua escolaridade, qual é o seu grau de desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento comunicativo, como é que ele se processou e como é que ele se processa, no fim pode ser depois desenvolvida uma investigação para fundamentar, para investigar a acção.

Quando se fala nas crianças é de esperar que as fases da língua materna nas Escolas Superiores de Educação, na área de Português, tenham de facto uma fatia importante, sendo essencial na formação dos educadores de infância e na formação de professores de Ensino Primário e também, quebrando um certo teatro, na formação dos professores do Ensino Básico.

Coloca-se então esta questão: - que procedimentos de linguística fornecer aos futuros educadores de infância e aos futuros professores do ensino primário do 5º ano?

O encontro de professores na Escola Superior de Educação sobre questões da linguagem, nomeadamente a sua inserção nos currículos de formação inicial de educadores de infância e dos professores do ensino primário, em Junho deste ano, numa altura em que estavam as Escolas Superiores de Educação, de facto, a trabalhar no duro, reflectiu-se em algumas questões, nomeadamente sobre esta introdução, e eu passaria a examinar algumas considerações que foram ditas.

Foi considerado que a formação destes professores do ensino primário e educadores de infância devia contemplar três áreas, três domínios fundamentais na área do português:

- uma primeira área seria a aquisição do desenvolvimento da linguagem, ligada à aquele processo que eu falei há bocado de a criança como tinha ido à escola, o que é que se passou até aí, o que é que se está a passar e o que se vai passar daí para a frente; portanto aquisição do desenvolvimento da linguagem, fazendo a ponte para a linguística, sobretudo nos desenvolvimentos pertinentes para a descrição e explicação desse processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem;
- uma segunda área seria o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, algo a que, de facto, também se deveria ter prestado há muitos anos uma investigação e que tem andado também esquecida. Ensino-aprendizagem da leitura e escrita entendido como área científica, fundamento à adopção de uma metodologia com que o professor possa resolver as dificuldades apresentadas pelas crianças, quando confrontado em situações escolares criadas;
- finalmente, a terceira grande área considerada seria a Literatura para a infância, sobre a qual eu aqui não ia fazer considerações.

As áreas um e dois, a aquisição e desenvolvimento da linguagem, e o ensino e aprendizagem da leitura e escrita, foi entendido que devem ter uma articulação frequencial, ou seja, a aquisição e desenvolvimento da linguagem deve preceder os métodos de estudo do ensino e aprendizagem da leitura e escrita. Esta afirmação justifica-se; para atingir determinado objectivo, a área de aquisição e desenvolvimento da linguagem deve permitir o domínio dos conceitos linguísticos que continuarão a estar em causa na área seguinte, a área do estudo e aprendizagem da leitura e da escrita, e possibilitar os instrumentos para a própria reflexão do aluno sobre os mecanismos do ensino-aprendizagem na leitura e escrita.

O objectivo da área da linguística e da iniciação da linguagem como referi, expresso neste encontro, é levar os futuros professores educadores de infância a compreender as capacidades comunicativas das crianças nas suas várias fases de desenvolvimento e fornecer-lhes instrumentos de análise metodológicos, que possam permitir uma intervenção pedagógica e ainda o desenvolvimento das capacidades cognitivas e a consciencialização dessas mesmas capacidades. Como é que se pode então atingir esse objectivo?

Sendo as Escolas Superiores de Educação o meio mais restrito no número de professores do que nas Universidades, há sempre aquele objectivo que sobretudo ao longo dos anos se coloca, que é uma articulação do plano interdisciplinar entre determinadas áreas. Assim, para entrarem seria de desejar que as escolas adoptassem uma estratégia de gestão curricular que permita um trabalho de equipas de linguistas, psicólogos, sociólogos.

No trabalho propriamente linguístico seria também de adoptar uma estratégia bem diferente da que tem sido feita, ou seja, no plano linguístico, a estratégia deverá ser observação e análise dos problemas, e casos de perturbação da fala, que podem mostrar mais a fundo a necessidade de recorrer a certos conceitos linguísticos. A adopção desta estratégia permitirá que a formação teórica da linguística seja feita em actividades práticas, em actividade de contacto prático que acabarão por focar todas as áreas da composição do ensino da linguagem. Aspectos da estrutura fónica e metodológica, aspectos da estrutura morfológica e sintáctica, aspecto da produção de sentido em situação. Ora decorre desta estratégia de contacto com as condições, as necessidades das Escolas, e isso é um grande trabalho que está pela frente das escolas, reunirem todo um conjunto de dados que permitirão trabalho de reflexão, de análise da investigação, por parte dos alunos e por parte de todos os professores e todas as pessoas que estão na Escola Superior de Educação. Uma certa vantagem que poderá até existir é que, de modo geral, nas Escolas Superiores de Educação até há equipamento que pode ser utilizado, embora ainda esteja encaixotado, não é?

Nesta perspectiva, a linguística nas Escolas Superiores de Educação, não será, como seria, uma primeira tentativa, não será assim uma cópia redutora da linguística nas Universidades, nomeadamente da linguística dos modelos das Universidades clássicas. Tomamos esse ponto como referência. Perspectiva que já não será: então que modelo, ou que modelos teóricos, seleccionar ou privilegiar dentro das horas de formação linguística dos alunos da ESE, para que não se fique muito aquém da linguística na Universidade, para que os

alunos das Escolas Superiores de Educação não saiam a saber muito menos modelos que os alunos das Universidades? A perspectiva tem então que ser diferente, porque os objectivos da Escola Superior de Educação estão definidos, estão delineados; não podemos passar à formação de professores, não podemos enveredar por vias laterais; por outro lado, também não se justifica, porque a linguística não se oferece apenas com modelos teóricos já construídos a ditar pelos alunos, mas sobretudo como instrumento fulcral, adequado aos objectivos, portanto com um enorme manancial de introduções escritas, de introduções faladas, introduções nossas, introduções dos alunos, introduções das crianças. Perante esse enorme manancial há que adoptar estratégias de facto, analisadas, para dar a perspectiva aos alunos da ESE de que essas produções poderão levá-los ao domínio, ao manuseamento da linguagem, o que poderá suscitar todo o trabalho pedagógico que eles terão de desenvolver na sala de aula.

Isto para a área de ensino e desenvolvimento da linguagem, onde se integrará o domínio da linguística. Relativamente à área do ensino e aprendizagem da leitura e escrita, ela é essencial nas Escolas Superiores de Educação, ela é essencial logo para as educadoras de infância, consoante o objectivo na frequência que elas têm que dar. Para surgir formação nas Escolas Primárias é evidentemente fundamental para os professores do Ensino Primário, e poderá ficar para os professores do Ensino Básico.

O ensino e aprendizagem da leitura e da escrita exige uma formação prévia no domínio da Linguística que deverá ter sido dada pela área do Ensino da Linguagem e no domínio da Psicologia do Desenvolvimento e mais uma vez se torna necessário haver articulação das aulas nas diversas áreas existentes na Escola Superior de Educação.

No encontro do Sabugal foi realçada a necessidade de preparar durante o próximo ano docentes capazes de assegurar o ensino da área de Ensino-Aprendizagem da Leitura e Escrita, e se bem que esta área, nesse encontro, não tenha sido muito aprofundada, foi realçada a necessidade de fazer esta preparação em três sectores fundamentais: Processos de Aprendizagem, Métodos de Ensino e Estratégias de Prevenção de resolução de problemas relacionados com o domínio cognitivo. Ficarão expressas algumas sugestões que eu vou ditar:

- A criação de núcleos interdisciplinares pela ESE (Escola Superior de Educação) durante e depois dessa formação;
- A articulação desses núcleos entre as várias ESE's e a consequente comissão de áreas dramáticas comuns porque, algo que ficou expresso no Sabugal, poderia ser

um enorme perigo, é que a multiplicação das Escolas Superiores de Educação podia tornar difícil que houvesse uma determinada ordem de áreas dramáticas comuns, ou que dificultasse uma articulação entre os trabalhos que ainda se estão a apresentar. Por outro lado, foi realçada também a necessidade de uma estreita conexão entre a teoria e a intervenção pedagógica. Essa ligação está teoricamente salvaguardada nos planos de estudo em todas elas; todas as Escolas Superiores de Educação nos planos de estudo de formação inicial e nos planos de estudo, apresentam desde o início, ou um pouco mais tarde, a área da prática pedagógica, simplesmente tudo isso necessita ainda, a ver como é que efectivamente poderá existir uma ligação entre a teoria e a prática pedagógica, a fim que não exista, por um lado, o professor da teórica no Ensino e Aprendizagem da Leitura e Escrita, e por outro lado o educador já com mais experiência que dá as coisas diferentes do que disse professor da Área de Ensino Aprendizagem da Leitura e Escrita. O que foi referido no encontro de Sabugal foram praticamente estas duas áreas, e nota-se que em relação a estes trabalhos desses encontros há, quanto a mim, uma área que necessita de uma reflexão complementar, que é esta a do Ensino do Português a nível do Ensino Preparatório, na sequência da formação dada no Ensino Primário. Depende, em alguma parte, das Escolas Superiores de Educação, mas não depende só das Escolas Superiores de Educação, depende das Universidades. É uma área comum, onde diversas instituições formam pessoas para leccionar e de facto, quanto a mim, torna-se bastante premente que se saiba o que é que se pretende do ensino do Português, a nível do Ensino Preparatório, por parte das Universidades, por parte das Escolas Superiores de Educação, por parte do Ministério, por parte de todos os professores de Português.

De resto, e para concluir, o tema - o Ensino da Linguística na formação dos professores de Português nas Escolas Superiores de Educação, de acordo com as orientações que surgiram no encontro de Sabugal, goza ainda de uma vantagem, se calhar de uma desvantagem, que é seguinte, que não tardará a desaparecer. É o facto de ainda não estar em prática, de ainda não ter sido submetido à prova. Logo veremos daqui a um ano como é que foi a experiência.